

O PROTAGONISMO DE PESSOAS PRETAS NAS ARTES CÊNICAS COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO: A RESISTÊNCIA DOS GRUPOS DE TEATRO INDEPENDENTES EM RECIFE

Maria Luiza Santos de Oliveira ¹
Estefanny Camilly Mariano de Araújo ²
Tereza Luiza de França ³

INTRODUÇÃO

O apagamento da ancestralidade e da cultura negra no Brasil é reflexo de um processo histórico de opressão escravocrata e pela manutenção de estruturas racistas. Como aponta Paulo Freire (1996), a educação tradicional, de caráter bancário, reproduz a lógica opressora e silencia vozes e histórias que não se alinham à narrativa dominante, e esse mesmo processo ocorre nas artes cênicas, em que o corpo negro muitas vezes é representado de maneira estereotipada, pejorativa e subordinada.

Contudo, as artes também se constituem em espaços de resistência e libertação. A pedagogia freireana, baseada no diálogo e na conscientização (Freire, 1980), indícios e orientações para compreendermos como o teatro se configura como prática educativa crítica. Nestas perspectivas, grupos independentes de Teatro Negro em Recife vêm se consolidando como espaços de luta política, de resgate identitário e de formação do pensamento crítico-reflexivo com estreitas articulações entre a arte e a educação popular.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a atuação de grupos independentes de teatro negro em Recife, vislumbrando a compreensão de como suas práticas são sistematizadas como resistência política e cultural. Para tanto, e busca-se analisá-los à luz da pedagogia freireana tanto pela relevância social e cultural desta teoria em fornecer categorias para analisar como esses coletivos, em Recife uma cidade reconhecida como um polo cultural e, mesmo assim, enfrentam a exclusão e sentem a necessidade de afirmar o protagonismo preto como caminho de emancipação.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, maria.mlso@ufpe.br;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, estefanny.araujo@ufpe.br;

³ Professora Doutora do Curso de Licenciatura Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tereza.frança@ufpe.br



METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e crítico-reflexiva, sustentada nos princípios da pedagogia freireana ; que valoriza o diálogo, o respeito aos saberes populares e o reconhecimento do sujeito como protagonista do seu processo de transformação.

Foram utilizados dois principais procedimentos metodológicos: **Revisão Sistemática de Literatura** e **Análise de Entrevistas** com integrantes de coletivos teatrais.

A revisão sistemática buscou levantar e examinar publicações acadêmicas que abordassem os temas do protagonismo negro, teatro, representatividade e coletivos culturais independentes. As categorias de análises utilizadas foram: *Protagonismo; Pessoas pretas; Teatro; Recife; Grupos independentes*, combinados com o operador booleano **AND**. As buscas foram realizadas no Google Acadêmico, em bases de dados acessíveis em português e em veículos de imprensa local.

Os **critérios de inclusão** adotados foram: publicações em língua portuguesa; textos e reportagens que abordassem experiências de grupos ou artistas negros no campo das artes cênicas; estudos que tratassem da representatividade e do protagonismo preto nas artes; e entrevistas publicadas com coletivos ou artistas atuantes em Recife.

Neste universo, foram elecados materiais de divulgação, entrevistas, reportagens e registros audiovisuais de grupos como O Poste Soluções Luminosas, Cia de Teatro Macacada e Cia de Teatro Negro em Recife. Esses materiais foram examinados à luz da pedagogia freireana, buscando identificar como os processos criativos se constituem como práticas de resistência, conscientização e emancipação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Grupos independentes em Recife e a Teatralidade Negra

Boal (1917) aborda sobre a visão de que o teatro surge como instrumento de luta, que tem a capacidade ressignificar e reescrever história, explicitando reivindicações de direitos e inclusão social. A partir dessa perspectiva, o teatro Negro no Brasil surge como uma resposta a marginalização e exclusão histórica que as pessoas negras sofriam e ainda sofrem nos espaços das artes cênicas, como traz Naná Sodré (2013),



“O teatro negro nasce da necessidade. Os grupos se juntam, se olham entre si, se reconhecem como pessoas pretas e começam a se questionar sobre o tipo de teatro que fazemos”

Com esses questionamentos, grupos de teatro negro independentes, coletivos que agem fora das estruturas teatrais tradicionais e das instituições pré-estabelecidas, aparecem nesse cenário com a necessidade de uma autonomia artística, explorando a liberdade criativa e aproximando do público histórias e denúncias que sempre foram limitadas pelo teatro tradicional. Em Recife, esses grupos têm sido de extrema relevância para uma cena mais plural, onde todas as vozes sejam respeitadas, reafirmando a identidade cultural, social e política de grupos sociais que nunca foram ouvidos.

O Corpo Negro como Símbolo de Resistência

As teorias presentes nas obras de Neusa Santos (2005) e Bell Hooks (1995) trazem uma base teórica de como o corpo negro se manifesta na arte e na cultura e como essas representações simbolizam a resistência. Bell Hooks (1995) traz, em seu livro “Cinema Vivido”, a importância dessa representação dos corpos nas artes cênicas, já que o corpo pode se apresentar de forma livre, trazendo e afirmando sua identidade e subjetividade. Ao abordar o corpo como um símbolo, Neusa Santos (1981), provoca a reflexão e observação de como esse corpo é representado nas artes cênicas e, na maioria de suas vezes, modificado para que a sociedade se aproprie e objetifique essas narrativas. Como escreve França (2020), [...] com um olhar atento e emotivo, sobretudo, ético e com a seriedade que se impõe neste momento, contanto que se constitui numa exposição poética artista com palavras flutuam no corpo como as águas salgadas/sagradas dos oceanos. Nestas perspectivas, a importância dos grupos independentes como um local de infinitas representações e resgate do corpo numa dimensão de resistência, é reafirmada, quebrando a narrativa do corpo de forma marginalizada e limitada, como Neusa Santos aborda.

O Protagonismo Preto

O protagonismo das pessoas pretas nas artes vai além da representação de personagens principais, envolve também a forma que o negro ocupa o espaço de protagonista na história que está representando, não sendo apenas modificada e reformulada para reafirmar os estigmas que a sociedade coloca em cima dessa população, pois por vezes, a identidade negra é entendida pela sociedade de maneira estereotipada e reduzida a uma representação que carrega visões racistas da branquitude. Como escreve Neusa Santos (2005) “A alma é o espelho do corpo”, e há uma necessidade de que essas histórias sejam contadas a partir de uma perspectiva preta, de um protagonismo



autêntico, e não somente um protagonismo através da simples presença de personagens negros, enquanto apenas corpos físicos, mas sim um espelho da identidade e da complexidade da experiência da população negra.

Pedagogia do Diálogo

À luz de Paulo Freire (1970), este trabalho parte da compreensão de que toda prática educativa é, essencialmente, um ato político. O autor critica o modelo tradicional de ensino, que denomina de “educação bancária”, caracterizado pela transmissão mecânica de conteúdos, na qual o educador deposita saberes no educando. Em contraposição, Freire propõe uma pedagogia dialógica, centrada na problematização da realidade e na construção coletiva do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstram que os grupos independentes de Teatro Negro em Recife enfrentam barreiras estruturais, como falta de investimento, marginalização institucional e invisibilização no cenário artístico. No entanto, suas práticas tem grande dimensão educativa e política.

Uma das fundadoras do grupo “O Poste”, Naná Sodré (2024), em uma entrevista ao Jornal do Comércio, ~~traz~~ trata sobre a ideia de que os grupos independentes de Teatro Negro em Recife, grande polo cultural e capital de Pernambuco, são criados pela necessidade. Buscam por uma autonomia em meio a um cenário que desvaloriza esses artistas, um cenário desigual e que faz com que esses coletivos teatrais enfrentem desafios estruturais e históricos. Apesar disso, sentem essa necessidade de contribuir para a construção de uma arte que reflete a realidade e a memória das comunidades negras, resistindo a todos os desafios e opressões impostos. Nesse contexto, é fundamental reconhecer a importância desses grupos independentes na afirmação e representação de uma identidade negra que por muito tempo esteve longe da cena do teatro. Alguns grupos que nasceram dessa necessidade e trabalham nessa perspectiva da identidade

negra e resistência em Recife são: O grupo **O Poste** (2004) sistematizam debates sobre ancestralidade, racismo estrutural e representações negras nas artes, promovendo protagonismo e reflexão crítica. **A Cia Macacada** denuncia a ausência de negritude na dramaturgia pernambucana e investe em narrativas sobre a sobrevivência e a existência da população negra. E, a **Cia de Teatro Negro**, em Recife, aposta na gratuidade e acessibilidade como forma de democratizar o acesso, reafirmando a arte como direito.



Esses coletivos atuam, assim, como educadores populares. Suas produções aproximam-se da pedagogia freireana por buscarem conscientização, diálogo e práxis. Tal compreensão sobre essas práticas rompem com a ideia de representatividade superficial: não basta apenas a presença de artistas negros no palco; é necessário que eles escrevam, dirijam, produzam e contem suas próprias histórias. Essa amplia o impacto social do teatro negro.

As artes cênicas trazem consigo esse poder de levantar debates e discussões sobre determinados temas, podendo criar um espaço simbólico no qual a identidade negra, trazida de maneira autêntica, seja vista e discutida, servindo como ponto de encontro para pensamentos e discussões sobre o que é ser negro no Brasil e como essa realidade, muitas vezes, é maquiada quando mostrada pelo cinema e pelo teatro tradicional. As produções independentes têm ocupado esse espaço crucial para formação de novos debates e de um novo olhar sobre a arte, a cultura e a realidade das pessoas pretas, como apontado por Melo (2019). Como esses grupos independentes, desprendem-se do tradicional, buscam assegurar representações negras com protagonismo não somente no papel principal, também como criadores e contadores de histórias, trazendo essa classe para a área da produção, direção e atuação, todos como protagonistas de suas respectivas áreas. Para tanto, se apropriam da sua autonomia para garantir nesse teatro um espaço de reafirmação política, identitária e cultural, buscando visibilidade para os artistas e aproximando da população assuntos que tem uma importância gigantesca para a formação de uma sociedade mais justa, democrática e equilibrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nutrido pelas concepções e realidade da construção deste estudo, é possível concluir que os grupos independentes de teatro negro em Recife cumprem como compromisso fundamental a resistência cultural, a afirmação identitária e a construção de uma educação crítica e emancipatória. Suas práticas expressam raízes na pedagogia freireana ao transformar a arte em espaço de diálogo, conscientização e práxis, Freire, 1980-2002).

Torna-se evidente que o protagonismo preto nas artes cênicas deve ser reconhecido não apenas como questão estética, mas como prática política, pedagógica e humanizadora. Essa resistência cultural contribui para a democratização da arte e para a construção de uma sociedade mais justa, plural e crítica

Palavras-chave: Protagonismo preto; artes cênicas; grupos independentes; Recife; Educação.



REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

EPHEMERA. A Representação do Negro no Teatro Brasileiro: Desafios e Protagonismo. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/download/4473/3549>. Acesso em: 22 mar. 2025.

FRANÇA, Tereza Luiza de. Expressões artísticas resistências e conquistas - Pós-fácio. In: LIMA, D. M. S. **Corpos negros, linguagens brancas:** o mito da boa aparência. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 12ª Edição. Rio Janeiro Ed. Paz e terra. 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª. Edição. São Paulo: Moraes, 1980.

HOOKS, Bell. Cinema Vivido. São Paulo: Palas Athena, 1995.

MELO, Fátima de. Teatro e Identidade Negra: A Produção de Representações no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019.

NE10. JC. Grupo O Poste: 20 anos de resistência e protagonismo negro no teatro. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

NOTÍCIA PRETA. Cia de Teatro Negro de Recife apresenta performances com entrada gratuita. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/cia-de-teatro-negro-de-recife-apresenta-performances-com-entrada-gratuita/>. Acesso em: 22 mar.2025.

SANTOS, Neusa. Tornar-se Negro: A Construção da Identidade Negra no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SYNTHESIS. Teatro e Resistência: O protagonismo negro nas artes cênicas. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/download/54539/35214/187622>. Acesso em: 22 mar. 2025.

